ANO 2.º LISBOA—SEGUNDA-FEIRA, 4 DE SETEMBRO DE 1922 N.º 434

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

EM Portugal, é sempre facil preparar uma grande fogueira — uma fogueira de odios — dada a facilidade com que cada qual pode lançar no fogo a sua acha, sem ser visto.

Quantos se não dizem patriotas, por maroteira!

Quando falam da Patria, não erguem os olhos acima de ambições e malquerenças. O espirito de vingança leva-os a cometer os actos mais condenaveis sem que se incomodem com os clamores dos inocentes.

Reparem bem os leitores no curso que vão tomando os acontecimentos. Guia-os uma logica terrivel. Os erros duns, a indiferença do maior numero e a ansia de desforra de muitos tudo segue na mesma torrente. Se um dia acordarmos entre chamas ninguem se espante...

* * *

MERECE registar-se este periodo das declarações que a bordo do *Porto*, o sr. ministro dos Estrangeiros fez ao redactor do *Mundo*, sr. Luiz Derouet:

—«As contrariedades que temos tido nesta viagem são naturais.»

Do que nós nos queixamos é precisamente que as contrariedades da viagem presidencial sejam... naturais.

O sistema de mal fazer só dá o que pode.

* * *

CHEGARAM a Paris as duas grandes *videttes* do cinema, Constança e Norma Talmadge. Em Cherburgo, onde desembarcaram do *Majestic*, subiram para um comboio especial. Ninguem dirá que, apesar dos progressos da democracia, as realezas não se multiplicam.

* * *

O SR. ministro do Trabalho conseguiu obter do Parlamento o credito de 5:000 contos para empregar nos bairros sociais.

Não obstante a desvalorisação crescente da nossa moeda, esperamos que esta quantia seja mais util que tudo o que até hoje se gastou nos mesmos bairros.

* * *

TRANSCREVEMOS do livro—*A Mentira da Flandres e o Mêdo*, do major Ferreira do Amaral, o capitulo consagrado ao general Pereira de Eça. São palavras dum militar que sabe ser justo sem lisonja. O major Ferreira do Amaral não cultiva a rétorica, porque prefere o culto da verdade.

* * *

TAMBEM o sr. Barbosa de Magalhães pôde contemplar o arco-iris que se formou sôbre a barra, quando o *Porto* saiu do Tejo. E na sua contemplação ele se convenceu que a viagem do *Porto* se realizaria sob bons auspicios...

* * *

UM radio recebido esta tarde no ministerio da Marinha diz que o vapor *Porto* vai navegando sem novidade.

* * *

ASSUMIU hoje a chefia da repartição dos departamentos maritimos o capitão de fragata sr. João Manuel de Carvalho.

* * *

SEGUE ámanhã de tarde para os Açôres o *destroyer Douro*.

* * *

AS avarias sofridas pelo *destroyer Guadiana*, são nas caldeiras e nos condensadores.

GENERAL PEREIRA D'EÇA

Futuros Camaradas:

Nunca engeitem a voz dum camarada, que clama por socorro de longe; seja ele quem fôr, ainda que seja o vosso maior inimigo. Porque a unica, a grande vitima desse abandono é sempre o soldado, que só tem por missão receber ordens e é o *ultimo* na escala da hierarquia militar e por isso mesmo é a *vitima* passiva e sempre obediente das resoluções e determinações dos seus superiores que são todos... menos eles!

Esses 8:000 homens de reforço no sul de Angola apenas tiveram para os alemães uma acção desmoralisadora e nada mais.

Não chegaram a bater-se com os alemães, que nos primeiros dias de julho se entregaram aos ingleses.

E' certo que, se não tivesse sido remetido esse reforço, talvez os alemães se não entregassem tão cedo e tentassem refugiar-se em som de guerra nos nossos territorios, o que lhes era facil e eles bem o sabiam.

No entanto, se quando o tenente-coronel Roçadas foi com ele tivessem ido 8 ou 10:000 homens para Angola. . . . .

. . . .

mas... não foram então e depois serviram para debelar de vez, ou, pelo menos, por muitos anos, qualquer tentativa de insurreição ou rebelião dos indigenas aguerridos do Sul de Angola contra a nossa soberania.

Essa campanha (Cuanhama, Cuamato e Evale 1915) foi ardua para as tropas e dificil para o papel dos comandos. A linha de étapes era extensissima, perto de 600 quilometros, e a quantidade de bocas a alimentar era fóra do comum até aí adotado nas nossas guerras coloniais. O terreno era de uma aridez enervante, listrado de matos enfesados e cheios espinheiros; a rara e exigua quantidade de agua que havia pelo caminho era lama; o solo que se pisava era arenoso e movediço, marchava-se no meio de uma atmosfera de pó que irritava os bronquios, produzindo uma tosse constante. Para muitos foi uma marcha para o inferno, para outros foi uma morte gloriosa e pela Patria!

Esse choque das Armas Portuguesas contra a submissão dos cuanhamas e rebeldia dos cuamatos, Humbis e Evales, foi, na epopeia das nossas guerras coloniais, das quais a primeira foi a tomada de Ceuta, a maior força em numero e armamento com que nós, portugueses, tivemos que nos defrontar até hoje.

Eram aguerridos, numerosos e armados e municiados como nenhuns até hoje.

Nessa campanha o general Eça ia sofrendo o castigo da sua passada indiferença pelo socorro pedido um ano antes pelo seu camarada.

A coluna do centro (cuanhama) cujo objectivo era a embala do soba (N'jiva), esteve cercada, com as comunicações cortadas pelo inimigo e com os escassos viveres quasi consumidos. Estavamos a meio caminho do objectivo.

O general Eça chegou a pensar na ultima das soluções!

Essa alma de aço chegou a pensar em dar um tiro na cabeça, no caso de ter que retirar e ao chegar ao Cunene, rio que tinha necessariamente de atravessar, no caso da coluna se ver obrigada a retroceder.

Era medo?

Medo de quê ou de quem!?

Não, não era medo. Nunca o podia ter sido porque era sensação para ele desconhecida. Mas era o brio do soldado que não consegue cumprir a sua missão e... quem sabe?... talvez a voz da consciencia tambem a acusa-lo, nessa hora de crise, por ter recusado atender o anterior pedido do seu camarada coronel Roçadas. Se assim foi, só ele o ficou sabendo...

. . . .

Para mim o general Pereira d'Eça foi um chefe que durante essa ardua campanha. e, depois dela, até á minha ida para França, mostrou ter por mim aquela consideração que um soldado velho e feito pode ter por outro, que procura sempre cumprir o seu dever.

Não deixou documento algum escrito sobre o assunto, mas em publico e em todos os actos oficiais, sempre que me encontrava, dava bem patentes provas da sua consideração pessoal por mim, e isso me bastava.

. . . .

O general Pereira d'Eça foi a ultima viga de aço que representava o simbolo da passada disciplina militar no Exercito Português. Nunca partiu mas... a politica democratica conseguiu dobrar essa viga mais vezes do que seria de esperar. E daí quem sabe se dobrou menos vezes do que *eles* esperavam...

J. Ferreira do Amaral

RAZÃO DE PESO

O emprezario:—E' melhor não insistir. Para esta temporada escolho a bailarina negra... estou de luto!...

NO largo de S. Roque, um pobre velho que veste sobrecasaca e chapeu alto — certamente, restos duma antiga pompa burocratica —foi acometido pela garotada que, puxando-lhe pelo fato e provocando-o com dichotes, conseguiu torná-lo rubro de colera.

Num grande assomo, disse:

—«Eu sou uma pessoa bem educada, tenho a instrução dum latino...»

Como os ouvintes o não percebessem, calaram-se envergonhados. Ele aproveitou a oportunidade para se pôr ao fresco. De repente, alguem grita: —«Adeus, oh Matias!...» Não foi necessario mais nada. Todos lhe correram no encalço, berrando e uivando. Ele logo rompeu:—«Eu sou uma pessoa bem educada, tenho a instrução dum latino...»

* * *

OS estrangeiros que viajam na Austria foram avisados para apressar a sua partida, dada a escassês dos viveres. Cada pão de meio quilo custa já seis mil e quatrocentas corôas. Com a degradação da sua moeda, a Austria era muito visitada. O receio da fome, porém, exige medidas severas.

«Primeiro nós, depois vós...»

Como nos vamos aproximando dos meses de mais penoso abastecimento dos mercados, as autoridades tomam as suas providencias.

Quem sabe lá o que será o inverno? Perante o terror do peor, busca-se o sofrivel. Este exemplo da Austria, que a tempo e horas trata de prevenir se contra más surpresas, não poderia ser aproveitado entre nós?

* * *

O cruzador *Carvalho Araujo*, segundo comunicação recebida no Ministerio da Marinha, passou hoje ás sete horas em frente do porto de Fernando Noronha e segue com a maxima velocidade em direcção do Rio de Janeiro.

* * *

DEVE ficar brevemente constituido o tribunal mixto que ha-de julgar os militares do exercito e da armada implicados nos acontecimentos do 19 de Outubro.

* * *

NÃO se descobrirá qualquer meio simples de evitar que na estação do Rocio se dê a pasmosa acumulação de gente que pretende comprar bilhete?

* * *

VAI ser dada ordem para aprontar para seguir para os Açores, a fim de render a canhoneira «Bengo» por necessitar de urgentes fabricos, o «destroyer Douro».

* * *

REPRESENTANTES da Associação Comercial e Industrial estiveram esta tarde no Parlamento instando pela discussão de alguns projectos de interesse geral.

* * *

O sr. deputado Alves dos Santos obteve hoje 20 dias de licença e o sr. Joaquim Brandão 10.

* * *

APESAR das rigorosas medidas sanitarias adoptadas na Guiné, ainda não está extinta a epidemia de peste que ha tempos grassa naquela provincia, ao que parece importada da Guiné francesa. No entanto, os casos ultimamente constatados são de caracter benigno.

Tauromaquia

A corrida de ontem

Assistimos ontem á 16.ª corrida da temporada, e devemos, em abono da verdade, classificá-la de boa, atendendo ás que anteriormente temos visto.

Forneceu a empresa um curro muito aceitavel, tanto em apresentação, como em bravura e nobresa. E com franqueza coisa muito peor temos suportado de outras «ganaderias» de nomeada.

A apresentação do saltador e novilheiro francês Vitor Jouve, que por sinal falava muito bem o castelhano, e que inegavelmente agradou no trabalho da sua especialidade, D. Alexandre de Mascarenhas, Teofilo Guerra, e ainda a alternativa de um novo bandarilheiro, levaram ao Campo Pequeno uma concorrencia bastante regular.

Além de D. Alexandre de Mascarenhas figurava mais como cavaleiro Elmino Teixeira. A este couberam o 1.º e 5.º touros, que este artista toureou por meias voltas, mas sempre precipitadamente e por vezes em terrenos apertados. É pena, se o fizesse mais sereno, colocaria decerto todos os ferros como colocou alguns dos curtos, e com que conseguiu salvar algumas irregularidades que cometeu.

A D. Alexandre Mascarenhas, couberam o 3.º e 7.º. Registamos com aplauso o seu trabalho diligente, sereno e acertado no 3.º, um manso, onde conseguiu fazer-se aplaudir, tal foi a maneira como o obrigou a marrar. No 7.º variou tanto quanto possivel o toureio, cravando ferragem larga e curta, á meia volta e tira, pinchando «en su sitio», terminando com dois curtos, um ao estribo e outro á meia volta muito bons.

Figuravam tambem no «cartel» os amadores D. Carlos Mascarenhas e D.Pedro Bragança, a quem coube o 2.º do curro. D. Carlos Mascarenhas tem um bom par á gaiola e mais um a quarteio bom, e D. Pedro Bragança, um bom par a quarteio.

Para o eximio saltador Victor Jouve saiem o 4.º e 8.º Trabalho de novidade entre nós, apresentado com toda a correcção e sem necesidade de «mise-en-scène». Executou este artista, no 4.º touro, numa medição e calculo de terrenos inexcediveis, quatro saltos que classificaremos da seguinte forma e pela ordem que foram dados: salto mortal de costas, salto de vara e dois saltos de cabeça a rabo, pelo que ouviu bastantes palmas. Com as bandarilhas e mulêta, ainda que preparando bem as sortes, e mostrando ter conhecimentos «del arte de Montes», não luziu, no entanto, o que fez, embora o fizesse com vontade de agradar. «Chaqu'un à son metier». Tornando a exibir no 8.º bicho o seu trabalho em saltos, fê-lo com a mesma serenidade e perfeição que anteriormente, executando os três saltos primeiros que já enunciámos.

No 6.º touro foi dada por Rodrigo Largo a alternativa, como bandarilheiro, a Joaquim do Carmo. O seu trabalho agradou-nos e, desculpadas as precipitacões e emoções causadas numa tarde de alternativa, não devemos deixar de dizer que bandarilhou com acêrto, fazendo-o como deve ser, isto é, entrando e saindo bem das sortes, e levantando os braços como deve ser. Teve dois bons quarteios, pelo que ouviu merecidas palmas. Deve continuar.

Teofilo Guerra, que durante toda a tarde esteve muito trabalhador, não só coadjuvando a lide, como tambem lanceando de capote, cravou a quarteio um par no 4.º touro, tendo anteriormente neste mesmo animal sofrido uma hilariante e aparatosa colhida da qual saiu ileso, mas com o calção rasgado na perna esquerda. Tambem trasteou com a muleta, mas nada digno de registo. Ainda no 6.º touro Teofilo Guerra e Vitor Jouve tiveram lances de capa onde ambos se adornaram, e passaram «al alimon» ajoelhando ambos de costas para o touro no remate da sorte. Pegas houve três, duas de cara e uma de queixos, resultando as de cara rijas.

De volta, nenhuma foi consumada, e mais uma vez insistimos com os srs. inteligentes para não mandar fazê-las senão quando haja forcados devidamente habilitados para esse fim. Além de que as pegas de volta só servem para massar o publico e nada mais.

Bregaram, além de Teofilo Guerra, Rodrigo Largo, Antonio Carvalho e Antonio Raposo. A direcção da corrida confiada ao antigo matador de novilhos-touros, «Chicorrito» teve cousas boas e más.

El Rodriguito.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

OS QUE TOMAM IODONAL NÃO COMEM, DEVORAM!

TÓNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS

Superior ao óleo de bacalhau e emulsões

INDICADO DIARIAMENTE PELOS MÉDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LAGE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MACEDO, ETC.

FARMÁCIA FORMOSINHO

Praça dos Restauradores, 18

ADMINISTRAÇÃO COLONIAL

A CHUVA

DE EMPRESTIMOS PARA ANGOLA

A ruina de uma colonia e da metropole

A PROSPERIDADE

de uns tantos elementos

Sr. director.—Do que tenho dito se conclue que tudo se dispôs para que chovesse de repente em Angola uma catadupa de emprestimos que iriam ao total de 850:000 contos, pelo verdadeiro cambio actual, ficando hipotecadas aos seus encargos, não sómente as receitas da Provincia, mas as responsabilidades da metropole.

Figurando o encargo médio de 7 1|2 0|0, a anuidade necessaria para o serviço dos emprestimos seria de 63:750 contos, variando para mais ou para menos segundo as oscilações do agio do ouro.

As receitas de Angola estão apenas em 33:296 contos, sendo absorvidas totalmente pelas despesas ordinarias, de tal modo que para não haver *deficit* neste orçamento passaram-se para as despesas extraordinarias muitas das que são normais.

Mas os encargos dos novos emprestimos podem ir logo no primeiro ano a dezenas de milhar de contos, conforme as séries que forem emitidas, e deverão acrescentar-se ás despesas ordinarias, constituindo um *deficit*. Como serão pagos?

Chegando-se á plenitude das emissões, como se arranja dinheiro para as actuais despesas ordinarias de 32:296 contos, e ainda 63:750 contos, ou mais ou menos, para juros e amortizações dos emprestimos?

Com os 850.000 contos de emprestimos e com os fornecimentos nacionais e estrangeiros a que isso daria logar, poder-se-íam decerto fazer prosperidades repentinas de centenas de milhar de contos colhidos por muitos dos negociadores e fornecedores, pelo Banco Ultramarino e por outros elementos da colonia. Mas quem responderia pelos encargos anuais de dezenas de milhar de contos—e possivelmente de mais de uma centena de milhar com a marcha do cambio—através mais de metade de um seculo?

O territorio da colonia, com tudo o que lá pôs a natureza?

Mas esse pertence á nação portuguesa, que fez a descoberta e a conquista, e tudo conservou e desenvolveu com o seu sangue e a sua fazenda.

Responde o tesouro da metropole? Escreveram isso por causa das duvidas, no artigo 7 da lei n.º1131 arrancada ao parlamento para o caso. Mas a metropole, que despenden centenas de milhar de contos na guerra, precisamente para manter e defender Angola e o resto, arruinou-se, anda á cata de emprestimos e de recursos para a sua normalização orçamental e para a sua reconstrução economica e ainda não os encontrou. E responsabilizar-se-ía com as suas forças financeiras e com hipoteca implicita da sua soberania colonial, pelos juros e amortizações de emprestimos tão elevados de uma provincia ultramarina, que sómente podem fazer felizes imediatamente uns tantos elementos á custa da nação?

No centro de todo este grave plano está, sem duvida, como aproveitador supremo combinado com o resto, o Banco Ultramarino, que, segundo o exposto na minha ultima carta, aumentaria, á custa do Estado, os seus recursos em 140.000 contos, ou mais ou menos segundo os cambios, para fazer emprestimos ao proprio Estado e ganhar com isso decerto mais de 5.000 contos por ano, quando o programa estivesse inteiramente cumprido.

E' tambem nele que estão depositados os quinze milhões de patacas ou cerca de dois milhões de libras ouro para as obras de Macau? Sendo assim, o Banco Ultramarino jogaria já com perto de lbs. 2.500.000 ouro do Estado e depois de feito o emprestimo dos dollars com mais cinco milhões de dollars ouro. Juntando a isto os 50.000 contos de notas, pela cessão do poder emissor do Estado, o Banco jogaria no fim com mais de 250.000 contos do Estado, ao cambio verdadeiro de hoje, para ganhar com isso certamente mais de 10.000 contos por ano. O país tem o dever de olhar para tudo isto com a vontade decidida de remediar o grande mal que está feito e impedir os outros ainda maiores que procuram fazer!

Dir-se-ha, quanto aos encargos dos emprestimos de Angola, que a Provincia vai criar receitas proprias para os satisfazer; mas isso é absolutamente impossivel. Tambem se dirá que a Provincia providenciou já para que os seus encargos em escudos sejam praticamente menores pela melhoria cambial, tratando de habilitar-se para isso com suficientes cambiais pelo decreto n.º 131 sobre exportação. Peor ainda para ela e para a metropole o que virá daí, como veremos!

De v. etc.,—*General Gomes da Costa*

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Alferrarede, D. Maria da Madre de Deus Figueira de Castro Constancio, D. Maria Ana Bressane Leite Perry de Sousa Gomes, D. Maria da Natividade de Queiroz Montenegro Teles de Vasconcelos, D. Maria Luísa de Melo Saldanha da Gama, D. Julia Passos Caldas e D. Maria Eduarda de Salgado Zenha da Mota Coelho.

E os srs.:

Barão de S. Lazaro, D. José Manuel da Cunha e Menezes, filho, Jorge de Melo (Sabugosa e Murça), Constantino de Almeida, Manuel Ferrão de Menezes e Vasconcelos Elidio Nunes de Carvalho e Julio Cesar Barbosa Passos Caldas.

Casamentos

Realizou-se ontem na Marteleira, concelho de Torres Vedras, o casamento do sr. José Pinto d'Almeida, filho da senhora D. Maria Moreira Martins d'Almeida e do industrial sr. Alfredo Pinto d'Almeida, com a senhora D. Deolinda da Conceição, filha de um proprietario daquela vila. Testemunharam o acto por parte do noivo sua irmã a senhora D. Clarinda Almeida de Castro e seu cunhado o sr. Manuel Pereira de Castro e por parte da noiva os pais do noivo.

Na «corbeille» da noiva viam-se muitas prendas. Os noivos devem por estes dias fazer uma viagem de nupcias.

Baptisados

Ontem realizou-se, na paroquial igreja de S. José, o baptisado de uma filhinha da senhora D. Guilhermina da Costa Marques de Azevedo Vieira e do sr. Mauricio de Azevedo Vieira, tomando a criança o nome de Palmira.

Serviram de madrinha a senhora D. Judite Gonçalves da Costa e de padrinho o tio paterno sr. Antonio de Azevedo Vieira, actualmente no Porto, que se fez representar pelo colega de redacção sr. Carlos de Vasconcelos e Sá.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa «élite» dará ámanhã «rendez-vous» de tarde na tradicional «matinée» do Cinema Condes, onde se estreia uma notavel pelicula que no estrangeiro alcançou um exito extraordinario, que decerto o confirmará entre nós.

Em viagem

Partiu hoje no rapido com sua esposa a senhora D. Berta de Somer Viana e seus filhos, para as Caldas de Felgueiras, o senhor Henrique da Guerra Quaresma Viana.

—Na praia da Granja é esperada por toda a semana a senhora condessa de Santar.

—Para o estrangeiro parte em breve o senhor visconde de Paço de Nespereira.

—Regressou de Vidago com sua esposa a senhora D. Maria Izabel de Sousa Rego de Campos Henriques, o lente da Escola Militar senhor major de engenharia Artur Alberto de Meireles de Campos Henriques.

— A juntar-se a sua esposa a senhora D. Maria Isabel de Sousa Martins Braga e a sua filha D. Maria Vitoria, partiu para Trás-os-Montes, o escritor teatral sr. Vitoriano Braga.

— Está em Espinho, o sr. conde de Calheiros.

— Partiram da praia da Granja, para Santa Cruz, nos Açôres, os srs. condes de Rezende.

— Regressou de Viana do Castelo, a Lisboa, com sua esposa a senhora D. Maria Augusta de Carvalho Monteiro de Almeida e sua filha D. Maria da Nazaré, o sr. D. Francisco de Almeida.

— Partiu do Gerez para a Curia a senhora D. Zulmira de Almeida Franco Teixeira.

— Acompanhado de sua esposa a senhora D. Maria Carlota Pimentel Pinto de Romero e seus filhos partiu para Peso, no Minho, o sr. Eduardo Romero.

— Com sua esposa encontra-se na Curia, donde seguirá para a sua casa nas Grades Verdes, na praia da Granja, o sr. dr. José de Faria Machado.

— Encontra-se no Porto o sr. Estevão Wan-Zeller.

CINEMA CONDES

A'manhã — Estreia dos "Misterios da Selva"

E' finalmente ámanhã, no Condes, em *matinée* elegante, a estreia tão ansiosamente esperada, dos *Misterios da Selva*, um novo *film* interessantissimo em episodios, que vai rivalizar em sucesso com o grande exito alcançado pelos *Três Mosqueteiros*. Trata-se de um romance de sensacionais aventuras por misteriosos e exoticos países, cheio de emoção e de beleza.

EDEN-Teatro

Telef. N. 3800 Continuam as enchentes e o entusiasmo

Hoje, ás 9 da noite

AS DUAS GAROTAS DE PARIS

Peça empolgante — Scenas absolutamente imprevistas — Sucesso colossal

SALÃO FOZ

Empresa Artur Emauz

A's 7 e meia

UNICA exibição do sensacional film

Misterios de Nova-York

1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º e 11.º episodios — 22 partes

PREÇOS POPULARES

Platéa . . . . 1$00 | Balcão . . 1$50

Camarotes e frizas. 5$00

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

2.ª edição.—Mais de 100 plantas para remedios caseiros. Pedidos a Antonio Ribeiro, rua N. da Trindade, 87. Preço, 1$00; pelo correio, 1$20.

A venda nas livrarias e tabacarias

Gôta — Reumatismo crónico

Lamas — Duches — Banhos

ESTORIL-TERMAS

POLITEAMA

Telef. N. 3023

Ás 21,30

AS FLORES

GRANDE SUCESSO — DESEMPENHO NOTABILISSIMO — Admiravel mise-en-scène — Nos principais papeis Angela Pinto, Amelia Rey Colaço, Ester Leão, Ofelia Brochado, Constança Navarro, Robles Monteiro, Teodoro Santos, Gil Ferreira e Raul de Carvalho

LIVROS NOVOS

GALATÊA

FABULA TRAGICA EM DOIS ACTOS

por Alberto Jardim

TRANSCRIÇÃO DA SCENA II DO SEGUNDO ACTO

OS MESMOS, E A MULTIDÃO

O cortejo avança, dando a principio a impressão do friso do Partenon. A' frente, raparigas tocando frautas duplas, seguidas de mancebos com citaras, pifanos, sistros, etc. Depois, muitas crianças, duas a duas. Estas trazem nas mãos grinaldas de hera e flores. Depois, homens e mulheres com cabazes de fruta, cestos de flores, anforas, crateras, cornucopias, peles, ôdres de mel e de vinho (sobraçados ou atados a um pau levado nos ombros) e adolescentes conduzindo cordeiros enfeitados com flores. Depois, aldeãos, no meio dos quais um hoplita, pastores com baculos enfeitados de hera, e matronas, algumas com rocas ou fusos de fiar.

A seguir quatro jovens, levando aos ombros um andor adornado com pampanos, sobre o qual, sentado num banco, está um velho obeso, rubicundo, jovial, sobraçando uma grande anfora de vinho, cercado de cachos duvas e folhas de vinha, e com um cordão destas passado ao pescoço. Sobre o andor e em parte pendente sobre a borda, uma pele de leopardo.

Em seguida, sacerdotes com tiaras ou mitras asiaticas douradas e vestes purpureas resplandecentes douro e prata, hieraticas. Trazem nas mãos liras ou tirsos. Finalmente, velhos com compridas barbas brancas e capas traçadas sobre os ombros, apoiados a bordões.

As donzelas e mulheres trajam á semelhança de Galatêa, tendo no penteado fitas ou cabeçus de pregos em fórma de corninhos, bolotas, borboletas ou folhas douradas. As mais idosas estão envoltas em clamides, as novas têm vestes mais curtas e os membros livres.

Os mancebos têm tunicas simples, chegando ao joelho, e a cabeça cingida por uma corôa de hera ou uma fita de metal dourado. Os homens têm em geral barba redonda, natural, e tunica com ou sem mangas. Alguns trazem o chapeu grego dabas largas com atadura sob o queixo.

As crianças têm corôas de flores e festões de folhas em colar ou a tiracolo. Alguns dos adolescentes e donzelas, trazem festões de pampanos ou de hera.

Os trajos são das côres mais variadas, mas lisas, tendo, num ou noutro caso, sobre as orlas, as listas ornamentais em grega, cujo estilo se produz nas anforas e vasos.

O hoplita destaca-se dos mais, com o seu elmo brilhante encimado de crinas em escova, couraça, lança, escudo preso ás costas, e cnemides (caneleiras) sobre a parte anterior das pernas, atadas por detrás com correias. Todos calçam sandalias ou coturnos.

O cortejo dá, cantando, uma ou mais voltas ao palco e, antes do canto terminar, agrupa-se irregularmente, ficando o andor a meio, um pouco á direita, rodeado de diversas figuras. Logo que o canto cessa estabelece-se um borborinho geral; algumas figuras ficam paradas, outros sentam-se no chão ou sobre peles de animais, dispondo-se a comer e a beber. Ha uma animação de arraial e um bulicio festivo, entrecortado de gesticulações, vae-vens e aclamações: «Dionisos, E'vohé!—Dionisos. E'vohé!—Dionisos!» emquanto se cruzam os dizeres que seguem:

1.º PORTADOR DE OFERENDAS—E' aqui que descançamos.

2.º PORTADOR DE OFERENDAS—Descancemos e bebamos!

1.º ALDEÃO (*para Sileno*)—Olá, Sileno, que dizes? E' preciso descançar, não? (*Gesto de Sileno.*)

2.º ALDEÃO—Sileno está cançado...

3.º ALDEÃO—Cançado de beber... (*Risos. Os portadores do andor pousam-na, limpando o suor.*)

UM PORTADOR DO ANDOR—Peza como a montanha que abafou os Titans!

VARIOS PERSONAGENS—Pousem aí as peles—E os cestos de frutas—Então a merenda é aqui?—Agamédes ficou para traz—Não, seguiu para a aldeia com Metymno—etc.

UM PASTOR (*a procurar*)—Viram Clódion? Onde está Clódion?

1.ª MATRONA—Dionysos nunca teve tantas oferendas.

2.ª MATRONA—Nunca houve vindima tão farta.

VARIAS PERSONAGENS—Os hierofantes dizem que não nos devemos demorar.—Daqui ao templo é perto.—O hidromel está daquele lado.—A festa de Saturno foi menos bela.—etc.

O HOPLITA—Faça-se uma libação! Tenho a guela abrasada...

1.º ALDEÃO—Vai ser já!

2.º ALDEÃO—Preparem as crateras.

O HOPLITA (*titilando o queixo de uma rapariga*)—E's a flor da aldeia!

A RAPARIGA (*com meneios*)—E tu, a flor da falange!

O PASTOR (*procurando*)—Clódion? Viram Clódion?

3.º ALDEÃO—Na aldeia já nos esperam...

1.ª DONZELA (*designando dois namorados que conversam*)—Melissa não larga o seu pastor...

2.ª DONZELA—Ora! E' para fazer ciumes a Rhodante!...

3.ª DONZELA — Pandóra tem uma túnica bem feia...

O HOPLÍTA (*para a rapariga*) — Se fosses Helena, eu queria ser Páris...

PASTORES (*com cordeiros votivos*) — Este é o mais gordo de todo o rebanho — E então este? — Se não fôsse para o deus...

OS DOIS NAMORADOS:

ELA — Então, gostas tanto do meu nome?

ELE (*um pastor*) — E' tão suave! Parece feito de mel e raios de luar...

ELA — Pois eu não gosto nada. O teu, sim, é lindo...

(Interrompe-os o hino que recomeça, cantado pela maioria das figuras, continuando as restantes com os mesmos gestos e afazeres. Alguns bebem vinho. Os condutores dos cordeiros apresentam estes aos sacerdotes que lhes vertem vinho sobre as cabeças com solenes gestos ritualisticos.)

CÓRO

Trombetas, tubas de guerra,
Vozes de bronze marciais,
Calae-vos: deixae na terra
Hinos soar d'amor e paz!

Soe qual canção da maré
A canção da nossa fé...
Dionysos, evohé!

Dispa a couraça o guerreiro,
Cessem do campo os lavores;
Na seára hoje o ceifeiro
Vai ceifar apenas flôres...

Na tua ara e a teu pé
Eis os dons da nossa fé...
Dionysos, evohé!

Deixem matronas a rôca,
Nautas o remo espumante;
Brote um riso em cada boca,
Tanja a lira o hierofante!

Vêde, oh nume, quanto é
Grata e viva a nossa fé!
Dionysos, evohé!

Touquem-se as virgens de rosas,
De vinha os adolescentes;
Dansem crianças formosas
Ao som das harpas frementes..

Cantando iremos até
O templo da nossa fé...
Dionysos, evohé!

Louvemos o deus jucundo
Que a Asia em seu seio gerou;
Seus dons perfumam o mundo
Que ele de nectar regou!

Qual marulho da maré
A canção da nossa fé...
Dionysos, evohé!

(*Durante o côro,* Sileno *gesticula marcando o compasso e bebendo. Ao cessar o canto tomba sobre o andor. Risada. Gestos*).

TODOS EM GERAL — Oh, Oh! Sileno! — Ah! Sileno, ah, ah! — Chamem os ægipans! — Avistou alguma ninfa! — Siringe acenou-lhe ali dos loureiros! — Ah, Sileno, Dionysos arreuega-te! — Sileno está deposto!

(Os aldeãos levantam-no. Ele abandona o andor e confunde-se com a turba. No meio da mesma animação prepara-se a partida do cortejo, levantando-se do chão oferendas e péles, e colocando-se no andor, em vez de Sileno, *algumas das oferendas: anforas, cestos, etc., emquanto se trocam os dizeres seguintes):*

UM ANCIÃO *(para diversos personagens que se ocupam com as oferendas)* — Vamos, vamos, não percam tempo; o sol está a pôr-se.

O HOPLÍTA *(ao velho que vem descendo para a frente)* — O deus protege as nossas vinhas, ancião! Nem nos arrabaldes de Ílion provei licôr tão generoso!

O ANCIÃO — Tenho ouvido dizer que os guerreiros são conhecedores...

O HOPLÍTA — Dos melhores... Parto ámanhã e levarei na boca o sabor do nosso nectar.

O ANCIÃO — Então ha nova guerra na Asia?

O HOPLÍTA — Não, na Grecia. Embarco na galera de Corinto, que está á vista.

O ANCIÃO — Ah! decerto é a triréme que descortinei ha pouco, demandando a nossa praia...

O HOPLÍTA — Sim, um belo barco! Veleiro como poucos...

ÁCIS *(que está junto dos interlocutores, de subito interessadissimo, interrompendo)*—Uma triréme? A galera de Corinto?

O HOPLÍTA — Sim, pastor! Se tens rezes a vender, corre á praia, que está a chegar e pouco se demorará.

ÁCIS — Que dizes? A chegar? Á vista? E deve partir ámanhã: é isso que dizes hoplita?

O HOPLÍTA — Ámanhã mesmo. Desejas ser soldado? Ha guerra com Sparta. Athenas paga bem. Embarca comigo...

(Recomeça o cantico. O cortejo reconstitui-se, pondo-se em marcha para saír processionalmente pela direita. O hoplita *e* Ácis *continuam em dialogo que não se ouve, e seguem na extrema cauda do cortejo, vendo-se pelos gestos tratar-se do navio. Sáem.)*

Telefone C. 3033 — SOUZA, MOURA & C.ª, L.da — End. Tel. «SOURA»

CASA BANCÁRIA

103, RUA AUREA, 105

LISBOA

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

Temporada de Inverno — Companhia CREMILDA-CHABY

NO

TEATRO AVENIDA

Está aberta a assinatura até 20 do corrente para 7 primeiras representações com as seguintes peças: **CAMA, MESA E ROUPA LAVADA,** original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa; **BONECOS ARTICULADOS,** original brasileiro de Claudio de Sousa; **POLICHE,** de Bataille, tradução de Arnaldo Figueirôa; **AMOR Á ANTIGA,** original do dr. Augusto Castro; **VIDA DE UM RAPAZ GORDO,** original de André Brun; **SER OU NÃO SER,** 3 actos, original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa; **O PARLAPATÃO,** original de Eduardo Schwalbach; **PARIS,** tradução de Mario Duarte

Estrela: Reaparição de CHABY PINHEIRO

Sexta-feira, 29 — Com a primeira representação da peça em 3 actos original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa CAMA, MESA E ROUPA LAVADA

No escritorio da Empreza das 12 ás 17 horas, todos os dias

Teatro de S. Carlos

Comp. Berta de Bivar-Alves da Cunha

Aventuras do Rafael

HOJE A's 21 e 15

Exito monumental

ESPECTACULO de Gargalhada

HOTEL DE FRANCE

Rua de S. Paulo e Travessa dos Remolares, 46

Recebe comensais — Bom tratamento

— Cozinha francesa e portuguesa

A REVISTA DE PRAXEDES

TEATRO SÃO LUIZ

HOJE, ás 9 da noite

Peça sem rival

51.ª

Grande concorrencia e entusiasmo. Agrado unanime

A REVISTA DE PRAXEDES

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Aquela imagem

Havia na face endolorida e macilenta daquele Cristo de marfim uma expressão tão dôce de sofrimento, de amôr e de bondade, que todos os labios beijados pela aza tentadora do pecado sentiam uma estranha sensação de espiritual deslumbramento em frente dos seus labios.

Era de uma tal suavidade e tinha tanta virtude o olhar daquela imagem, que vinham de longe, pisando com sapatinhos de setim as pedras do caminho, só para beber dos seus olhos o filtro maravilhoso do perdão, todas as almas lindas que tinham caido na tentação feia do pecado.

Morena gentil ou loira menina de olhos azues, que em penas de amôr viviam seus dias, em tristes coloquios de alma enlevada e cega, buscavam perdão e alegria e virtude nos olhos suavissimos daquela divina imagem.

Andava já no dominio maravilhoso da lenda a bondade exemplar daquele Cristo de marfim.

A pequenina igreja, onde duas velas ardiam, em constante adoração, junto do seu altar de talha doirada, foi testemunha silenciosa de muita dôr, de muitas lagrimas, de muita arrependimento.

Passaram por alí, como um friso de linhas moças, de linhas ondeantes, de linhas gentis, olhos perturbados de saudade que iam deixar nos olhos serenos daquela imagem toda a saudade dos seus amores.

E o Cristo a todos atendia e a todos consolava, só com aquela doce expressão de sofrimento, de amor e de bondade que tinha nos seus olhos.

Vinham mais, vinham sempre as deliciosas figurinhas de amor, de dôr e de piedade, confessar as suas maguas e dizer do seu arrependimento diante do altar daquela imagem endolorida e macilenta.

E vieram tantas e vieram tão lindas pecadoras crucificar os seus labios e deixarem-lhe nos seus olhos tanta saudade de outros amores, que os olhos daquela imagem de marfim —dizem as freiras que a altas horas entram na igreja—passam a noite a chorar por todos os amores de todas as pecadoras lindas.

Norberto Lopes.

UM ANO DEPOIS

O atentado contra o sr. Alfredo da Silva

Encontram-se presos três dos seus autores, tendo-se evadido os outros

O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque já terminou as suas deligencias ácêrca do atentado de que ia sendo vitima o sr. Alfredo da Silva quando este industrial passava em Leiria, dias depois dos acontecimentos de 19 de Outubro.

As investigações dão como autores do atentado Antonio da Silva Vieira, José da Silva, Silvino de Oliveira Cardoso, José Castela, João Marceneiro e Antonio Pereira Pina.

Os três primeiros foram presos e encontram-se nos calabouços do governo civil. Vão amanhã para a cadeia do Limoeiro, onde ficam á disposição do comando militar.

Os outros, ao terem conhecimento que o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque se encontrava em Leiria, evadiram-se, suspeitando-se que tivessem atravessado a raia.

Limpeza e conservação do calçado obtem-se usando o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

FARRAPOS HUMANOS

AS MULHERES

DO MANICOMIO MIGUEL BOMBARDA

TRÊS HORAS DE ANGUSTIA

nos pateos, nas enfermarias e nos recreios

A visita continua. Outros pavilhões, velados de sombras, altos como prisões. A cortina do muro é pesada e doentia, carregada de ferros, janelas todas abertas. Ouvem-se vozes soltas a cantar. São as mulheres agora. *Miserere* de paixão, ladainhass, em que a dôr é augusta, timbrada em bronzes eternos de tragedia.

Por dentro aquilo muda. Lembra enfermarias de crianças, branquinhas de cal, com grandes rectangulos de sol, onde as sombras das arvores traçam remoinhos.

Ha uma escadaria de ferro, supliciada de grades, para as doidas não se atirarem para baixo e acabar com a vida para sempre. Começo a ver figuras, a ver almas, a ver olhos parados, com debruns de sombras.

Uma doida: puxou a anagua á cabeça, escolheu um canto sombrio, o pano faz-lhe dobra na testa, tem pregas no queixo. As duas mãos, como paus de forca, seguram-lhe a cabeça. Uma palavra nossa que não tem resposta. Sofre! Talvez por não sofrer, talvez que a unica janela da sua alma seja a imagem dos filhos, tal como ela os deixou acocorados no berço, brincando, infantes, borrachos de alegria, mãos sapudas, olhos abertos num milagre de luz.

Subi a escada!

A enfermeira:

— Cautela!

De um dormitorio, descem doidas a rir, neste rir que é comoção raiada de loucura, riso em sangue, inocente e puro. Grandes flôres de purpura, diabolicas e ferozes em que os olhos são mansos e doces, espelhados de essencia, como um lago antigo, adormecido e silencioso.

A enfermaria é de abobada, tem tufões de luz, muitas camas, muitas mulheres velhas. Delas ainda não se afastou aquele instinto de garridice que as faz lindas, cosendo, trabalhando. Ha aqui um viver muito doce e muito conventual. Reparo nos gestos. Foram-se as doidas até ao recreio, que fica lá em baixo, onde ha gritos; ronronando, quedaram-se os gatos, enoveladinhos, borralheiros nas dobras dos lençois.

— Aquela já tem noventa anos. A mais antiga de cá.

A velhinha levanta-se, craneo todo lizo, do seu cobertor de lã, cumprimenta e senta-se.

— E aquela?

— Veio da Madeira. O director antigo consentiu-lhe que não usasse o traje da casa... E fez aquele cantinho.

Que está todo cheio de flôres de papel, santos, daqueles que andam nas folhas dos missais. Lá está um gatinho!

Há uma outra ao lado. Passam-se dias que não diz uma palavra, muda, velhaca, recolhida. A afiar as garras para no ataque cortar o rosto das enfermeiras, cuspindo sangue. O pessoal da casa mostra ternura. Para todas as alienadas tem um diminuitivo, que é um encanto de beleza, um vestigio de mocidade. Há uma rapariga de mãos abandonadas no regaço, tranças caídas como uma madona de Botticelli, que tivesse um sorriso estranho, perturbador e casto.

Outros quartos, As celas das furiosas. Vasias. Depois, as pensionistas. Encontro agora no limiar do seu quarto, *a condessa de Aragão*. E' feia, veste bem, tem halito fétido, berloques nas pulseiras, flores na cabeça. As paredes têm enfeites. A loucura, parece que deixa em algumas destas mulheres, que são trezentas, que enchem o hospital de alto a baixo, vivendo nos corredores, ás três nas celas, quando devia ser só uma—a loucura, começava eu a dizer, deixa nelas um rasto de *coquetterie*, perfume de mulher que nunca perdem. A *condessa de Aragão*, falando:

—Não sabe como foi feito o hospital? «Pedras amassadas com ossos e carne humana. As paredes deitam sangue. Estive morta mil horas, numa caixa cheia de agua; depois amarraram-me á cruz, trezentos anos... Naquele muro que andam a deitar abaixo, todos os dias aparecem cadaveres... Vá vêr!

Seguimos. Uma doida brinca com um gato, com mais ternura de que com um filho, talvez os seus gestos sejam de invocação. A Jacinta agora! Velha rata pelada, que anda ás esmolas e que tem a fidelidade dum cão. Mulheres esfregando, num côro de altas vozes. Numa delas, apontando, crescendo, subindo, brilhando, queimando, uma chama de volupia.

— Estas trabalham quando querem! Gostam tanto!

Mais quartos, mais celas, Num dormitorio, um grande tronco de mulher, nu, rude, gelhento como *Celle qui fut la belle Haulmière*, de Rodin. Venus degradante de hospital. Canta uma canção de mocidade; todo o tronco está nu; apercebem-se penugens nas axilas dos braços. Olha-nos sem pudôr, como se tivesse dez meses e estivesse no berço. Brinca com uma boneca. Mas oh, galantaria! — coifou os cabelos ao alto, enastrou-os. Outra a ler. Está vestida, sonambula, uma calma feroz. O romance é um pretexto. Percebe-se que aquilo que lê anda lá dentro do cerebro a baralhar-se. A janela atraia-a, encandeia-lhe a vista. A Jacinta, sempre atrás, com uma bata de riscadinho azul, descalça, a sorrir-se.

Estou agora ao cimo dum lanço de escadas, a olhar o pateo das doidas perigosas. Que gritos! O riso, como um maquinismo de relogio de rodas emperradas, a guinchar, a cortar o ouvido, como vidro sobre vidro, a magoar a alma, como vidro sobre coração. A dor em estampas de rosto. Quantas são? Vinte? Trinta? O sol é todo de oiro como um pluvial. A parede grande, que fecha o pateo á rectaguarda, tem doidos e doidas ás janelas. O Saraga, vestido de oficial de marinha, aos guinchos, aos sinais, cuspindo ao sol. Ih! Ih! é o grito que lhe estrangula a gorja. As janelas estão cheias e o pateo está cheio

A enfermeira:

— Cuidado! Atiram-se a si!

Elas viram homem. Rodeiam-no. Cortezes.

—Quantos anos tem?—uma, de cabelo cortado, como muitas.

— Que novo!—outra.

A mesma:

— Quantos anos me faz, menino Luisinho?

— O quê? Só trinta? Gosta de mim?

Nisto sinto que me abraçam pelas costas. Recuo. Dois olhos fuzilam! —Vá, aperte-me a mão! — Um beijo nos dedos — muito obrigadinho, menino Luisinho! Então, só trinta!

O pateo ri todo. Gargalhadas vermelhas, freneticas em que os labios se entreabrem, como corolas de cactus. E' um entrechocar de ferragens velhas e relhas; cristais que se estilhaçam em notas trucidadas de dôr e de angustia. O riso, aquele riso tão feroz e tão hirto, é tão colerico e tão vergastado que o coração fica cheiinho de fel e até a luz é má e o cigarro sabe mal.

Já agora o pateo do recreio, ao ar livre, todo de terra em pó, amarela como a do deserto, sem uma flôr, com arvores raquiticas acossadas tambem pelas azas da loucura. Pedras em monte. No meio, quatro colunatas de ferro, a fazer *remize*. Que figuras e que atitudes!

Encontrei santas, atitudes resignadas; uma era a figura da *Morte*, que Teixeira Lopes pôs no monumento tumbal de Oliveira Martins; outras choravam, a cara escondida, a não querer vêr luz, cabelos todos desfeitos, em gotas de ouro. Coletes de forças; ha gritos; semilitudes de simio, arremedos de comicas, farças de amor, volupias em satiriase a oferecerem-se. Ainda aqui me persegue, neste canto de redacção discreto, após dias, a imagem duma mulher, crestadinha de sol, grandes olhos, como duas grandes perolas humidas do Atlantico, beijada de luz, quieta e distante, ainda na

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

Os Teatros

A revista «Pica-Pau»

A revista «Pica-Pau», sucesso relativo do teatro Apolo, obteve ontem no Coliseu dos Recreios, com duas enchentes completas, uma consagração do publico. A peça foi remodelada de ponta a ponta, os scenarios são quasi todos novos e deslumbrantes, e apresenta agora duas apoteoses de belissimo efeito, sendo justo salientar a do 1.º acto, devida ao pincel de Reznaldo Martins.

Baltazar Rodrigues tambem pintou uma linda scena digna de referencia especial.

«Pica-pau» foi primorosamente enscenada por Augusto Soares que lhe introduziu marcações originais e interessantissimas. Apenas ha que dizer ao talentoso «metteur-en-scène» que dois ou três numeros não foram tratados com o cuidado que mereciam. Mas a sua absolvição deve estar no breve tempo que lhe marcaram para aprontar a revista.

Do desempenho faz-se justiça dizendo que foi bom.

Carlos Leal encarregou-se do «compère» e imprimiu-lhe a graça natural e espontanea que de ha muito o impõe ás plateias. Alfredo Ruas, em quatro papeis, produziu trabalho muito acertado.

Deram muita vivacidade e alegria á peça a azougada Anita Salambó, a encantadora Maria Laura, a distinta actriz-cantora Maria Litaly, a popularissima Ema de Oliveira, a sempre querida artista Zulmira Miranda e a graciosa Maria Isabel.

A orquestra, sob a batuta habil e experimentada de Luís Filgueiras, honrou o brilhantismo do espectaculo. Seria injustiça não louvar o empresario Antonio de Macedo pela sua arrojada iniciativa.

A «tournée» Signoret

Damos a seguir os nomes dos principais artistas que constituem a «troupe» Signoret, que, em outubro, vem dar uma série de espectaculos, sob a direcção de Rottikoff, no Politeama, de regresso da sua brilhante «tournée» pelo Brasil e America; Gabriel Signoret, director da companhia e primeiro actor; Germaine Baron, Louise de Mornand, Ivonne Mirval, Magny Parville, Depervay, Pauline Carton, Alice Salva, Micheline May, Louise Seigneur, la «petite» Rosette; Jean Signoret, Lucien Callamand, Paul Asselin, Marcol Lerieux, Marcel Seris, Henry Ebene, Louis Berger e Fernand Gravery.

Esta companhia estreou-se em julho do ano corrente em Buenos Aires.

Recita do actor José David

José David é um actor modesto, mas, nem por o ser, tem deixado de revelar optimas qualidades de actor-comico, agradando principalmente ás plateias populares pelos seus processos simples. Tendo produzido um magnifico trabalho no «Compadre Chegadinho» da revista «Lua nova», José David realiza esta noite a sua recita no teatro Maria Vitoria, sendo de esperar que obtenha duas casas á «cunha», dadas as relações que possue e o muito que é estimado pelo publico.

CARTAZ

S. Carlos—A's 21,15—Aventuras de Rafael.
Nacional—Não ha espectaculo.
S. Luis—Ás 21,15 «A Revista de Praxedes»
Politeama—Ás 21,30—«As Flôres»
Avenida—A's 21,15—«Boa estrela».
Apolo—A's 21,15—«Belo sexo».
Chiado Terrasse— Não ha espectaculo.
Maria Vitoria—A's 21 e ás 23,30—«Lua Nova».
Eden-Teatro— A's 21 — «As duas garotas de Paris».
Salão Foz—A's 21,30—Variedades e animatografo.
Coliseu dos Recreios—A's 20,30 e 21,30—«Pica-Pau».
Circo Royal—Não ha espectaculo.
Gil Vicente (á Graça)— Ás 21,15 — «Valha-nos isso».
Teatro dos Anjos—Ás 20,30—Companhia de variedades.

CAMBIOS

Dia 4

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	84$000	88$000
» Londres, cheque	3	2 7/8
» 90 d. v.	3 1/32	—
Rio s/Londres	7 1/4	—
» Paris	1$403	1$470
» Itália	790	825
» Bélgica	1$330	1$390
» Suiça	3$400	3$830
» Espanha	2$780	2$900
» Berlim	14	20
» Holanda	6$980	7$290
» Nova-York	17$900	18$700
Rio s/Lisboa	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	1$400	1$500

POLITEAMA HOJE

As Flôres

com ANGELA PINTO e AMELIA REY COLAÇO

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

O PÃO NOSSO DE CADA DIA...

Porque faltára ha dias o pão de segunda qualidade?

Dizem ao "Diario de Lisboa" na Companhia Nacional de Moagem que se fabrica menos por ordem do titular da pasta da Agricultura

Ha cinco dias que, ás portas das padarias, começaram a formar-se extensas *bichas* para o pão de segunda.

A proposito, trocámos algumas palavras com funcionarios superiores da Companhia Nacional de Moagem:

—Porque tem faltado o pão de 2.ª qualidade?

— O sr. ministro da Agricultura talvez o possa informar...

— Mas a C. N. M. não tem fabricado menos pão de 2.ª e mais do de 1.ª?

— A C. N. M. recebeu ha dias um oficio do ministerio da Agricultura, mandando-a cumprir a lei.

— Como?

— Quando foi posto em execução o decreto cerealifero, o sr. ministro da Agricultura mandou chamar os directores da Companhia e pediu-lhes que cozessem maior quantidade de pão de 2.ª e menos de 1.ª, para atenuar os protestos contra o decreto em execução.

— E os directores acederam ao pedido?

— Sim senhor. Mandaram imediatamente fabricar mais 22 0|0 de pão de 2.ª e menos 22 0|0 do de 1.ª, de forma a evitar que o pão de 2.ª faltasse. Isto, é claro, com prejuizo da Companhia, que vai armazenando grande quantidade de farinha fina, que não tem consumo.

—O decreto não é exequivel?

—A essa pregunta não lhe posso respoder duma forma segura.

—E o que sucede agora?

—Por emquanto creio que não, mas não me repugna acreditar que dentro em pouco assim suceda.

—De forma que a Companhia, por ordem do ministro, fabrica menos pão de 2.ª...

—Sim, senhor. Se não fôsse essa ordem a Companhia continuaria a afastar-se da lei, em beneficio das classes menos abastadas.

—Não há nada que justifique essa ordem?

—Ha, sim senhor. Creio que os industriais independentes foram dizer ao ministro que, fabricando nós mais pão de 2.ª do que o estipulado na lei, os prejudicavamos visto a farinha de 1.ª, que são obrigados a comprar, não ter consumo.

—Os senhores cumprem estritamente a lei...

—Estritamente não. Por exemplo, em Carnaxide, Alfama e noutros bairros; se a fossemos a cumprir com toda a rigidez, não sei o que já teria acontecido.

—Nesse caso a C. N. M. não tem a menor responsabilidade na falta do pão de 2.ª?

—Absolutamente nenhuma. O mais curioso de tudo isto é que ela ainda é acusada de tudo quanto ha de mau.

—O pão de 2.ª continuará a faltar?

—Creio que a culpa não é nossa. Tenho pena que cá não esteja o sr. dr. Correia Guedes, para lhe mostrar o oficio do ministerio da Agricultura, que, redigido duma fórma menos cortez, manda a Companhia cumprir a lei...

—Dizem que os industriais independentes se recusam a receber farinha fina?

—Por enquanto, não me consta que tal tenha sucedido.

—Porque forçaram os senhores a fabricar pão de quilo de 2.ª?

—Isso não é verdade. Os independentes é que nos vieram pedir para nós o fazermos, mas, como tinhamos tomado o compromisso de só fabricarmos pão de meio quilo, não anuimos ao pedido, sem que o ministro nos proíbisse. Porque não vai ouvir antes o ministro da Agricultura?

UMA OPINIÃO

O ALMIRANTE LEOTE DO REGO DISCORDA DA VIAGEM DO CHEFE DO ESTADO

"Deviamos ter ficado na travessia aerea do Atlantico, enviando depois ao Brasil uma missão de tecnicos encarregada da aproximação economica entre os dois paises"

Voltou no sabado ao Parlamento, apoz demorada ausencia, o sr. almirante Leote do Rego. Os frequentadores dos Passos Perdidos olharam-se com surpresa e ciciaram:

—Temos mouro na costa!

Porque, de ordinario, o sr. Leote do Rego só aparece no palacio de S. Bento quando o camaroeiro está içado, ou quando sente necessidade de abordar qualquer assunto bicudo.

Mas desta feita falharam os calculos dos que farejam escandalos.

O ilustre oficial superior da Armada entrou na Camara tranquilamente e tranquilamente saiu.

Não falou para os extractos parlamentares das gazetas. Em compensação falou para o *Diario de Lisboa*, ácerca da viagem presidencial.

E principiou por declarar com sinceridade desasombrada:

—Discordo absolutamente dessa viagem. Não afirmo só agora essa discordancia. Tive ocasião de a manifestar ao proprio Chefe do Estado.

—Oficialmente?

—Não, porque os parlamentares independentes, apesar de serem dezasseis, não foram convidados a assistir á reunião dos «leaders» convocada pelo sr. Presidente da Republica.

—Por dificuldade de conseguir um representante unico que falasse por todos, a contento de todos?

—Por negligencia, apenas... No entanto, pouco tempo depois dessa reunião, tendo conversado com o sr. dr. Antonio José de Almeida expuz-lhe claramente o meu modo de ver...

—Que deve ter uma justificação...

—Varias justificações qual delas a mais atendivel.

—A primeira?

—A parte economica. Neste momento em que a desvalorização da moeda é verdadeiramente aterradora não se empreende uma viagem tão dispendiosa que ninguem sabe ainda quanto nos vai custar. Mas outros argumentos dão força ao meu modo de ver. Na hora que passa não sabe Portugal, como não o sabe nenhum país da Europa, o que será o dia de ámanhã. Visitei recentemente, como sabe, a Alemanha, a Holanda, a Belgica e estive de passagem em França. Em todos estes países o dia seguinte é um negro ponto de interrogação. Não ha ninguem que se não prepare para o peor... Entre nós, como em qualquer outra nação europeia, é neste momento perigoso consentir que o chefe do Estado abandone o continente.

—Outros chefes de Estado o têm feito...

—Sim. O presidente da Republica Francesa e o rei de Espanha. Mas com esta diferença: qualquer deles regressaria ao seu país em caso de alterações internas em pouco mais de uma duzia de horas. Ora é isso o que se não dá comnosco.

—Crêmos, sr. almirante, que nenhum português digno aproveitaria estes dias de espectativa (ansiosa para especulações politicas.

—De acordo. Mas não é disso que se trata. Qualquer motim de rua é susceptivel de agravar-se e de determinar uma crise ministerial. Quem a resolveria? O chefe do governo cessante? Decerto que não. Aí nos veriamos nós a braços com um problema melindroso de dificilima solução.

—Mas não reconhece vantagens na viagem ao Brasil?

—Mais platonicas do que outra coisa. Deveriamos ter ficado na gloriosa travessia do Atlantico que todos os portugueses olharam com o maior carinho. A seguir tratariamos da aproximação economica e, apezar de o Brasil ser avêsso a tratados de comercio, alguma coisa conseguiriamos trilhando outro caminho.

—Que seria?

—Enviar além Atlantico um missão de tecnicos, modesta, mas composta de valores autenticos. Podiamos até aproveitar alguns que no Brasil residem. O visconde de Morais, por exemplo... Acredite que os resultados seriam muito mais produtivos e os dinheiros gastos muitissimo mais reduzidos. Tudo isto eu disse ao venerando chefe do Estado. E os factos lamentaveis já ocorridos e que oxalá tenham termo, estão-se encarregando de me dar razão. Encheram-se de ridiculo. O estrangeiro teve a impressão de que o sr. dr. Antonio José de Almeida, dois dias no Tejo dentro dum vapor em reparações, esteve a auxiliar essas reparações... Não se efectiva uma viagem de tanta monta sem uma preparação condigna e honesta.

Depois, o sr. Leote do Rego fala ao jornalista da comitiva presidencial. A proposito da representação da imprensa diz:

—Julgo que os jornais escolheram os seus representantes entre os seus melhores redactores. Confio em que os jornalistas farão propaganda patriotica, dando brilho a um facto que, apezar de tudo, deve deve ter a mais larga repercussão no estrangeiro. Quando ao feito de Gago Coutinho e Sacadura Cabral os nossos jornalistas fizeram muito mais do que os nossos diplomatas. E' de crêr que desta vez aconteça o mesmo. Outro tanto não espero da missão intelectual, da já chamada «I. N. T.»... Pondo de banda um ou outro nome prestigioso o que fica não se salva...

—E' certo que a representação da marinha tambem levantou reparos?

—Aí está uma pregunta que não me deve ser endereçada. Eu sou suspeito por motivos politicos que toda a gente conhece.

E o sr. Leote do Rego, preparando-se para entrar no elevador, acrescenta:

—Indague da opinião da maioria dos oficiais de marinha. Fique certo de que é a mesma que eu tenho e que me furto a expôr...

A campanha do Sul de Angola

Decorreu no meio da maior solenidade o descerramento da lapide com o nome do general Pereira d'Eça, no largo da Escola do Exercito, em homenagem aos seus feitos heroicos nas campanhas de Africa em 1914-1915. Ao acto assistiu, além do presidente do ministerio e ministro da guerra, grande numero de oficiais de varias unidades da provincia.

Cerca das 14 horas, realizou-se no refeitorio da Escola de Guerra um almoço de confraternisação dos oficiais expedicionarios. No final do almoço foram levantados entusiasticos brindes pelo general sr. Vieira da Rocha e pelo ministro da guerra.

O duelo de hoje no Estoril

Esta manhã, bateram-se em duelo, á espada, no Estoril, o sr. Joaquim Leitão e dr. Ruy Enes Ulrich.

As testemunhas do primeiro foram os srs. dr. Alfredo Rocha Peixoto e o antigo oficial do exercito Delfim Maia, e do segundo o sr. conde da Ponte e o antigo oficial da armada sr. Policarpo de Azevedo.

O sr. dr. João Ulrich ficou ferido num dos braços, sem gravidade.

Obesidade — Artritismo
Mecanoterapia — Banhos de luz
ESTORIL-TERMAS

A MANHÃ PARLAMENTAR

A magistratura judicial e as propostas de finanças

As subvenções á policia e ao funcionalismo administrativo e ao pessoal de estabelecimentos de assistencia e de beneficencia

A chamada faz-se ás 10,10, sob a presidencia do sr. Nunes Loureiro, respondendo 51 deputados. O governo está representado pelos ministros das Colonias e do Trabalho. Nem um unico espectador nas galerias. Derante as as leituras entram mais alguns membros do governo e alguns outros legisladores.

* * *

Tendo-se lido a acta e o expediente, procede-se á votação nominal, requerida pelo sr. Sá Pereira, da emenda do Senado ao artigo da proposta de subvenções que estabelece a percentagem a aplicar ao subsidio dos parlamentares, votação pela qual se verifica que 32 deputados se pronunciaram pelo aumento da percentagem de 15 para 20 por cento, tendo regeitado 28. Houve algumas declarações de voto.

* * *

Postas á discussão outras emendas, o sr. Alberto Jordão insurge-se contra o facto de não ter havido por parte do Senado maior desejo de melhorar os proventos da magistratura judicial, respondendo o sr. ministro da Justiça que isso se deu contra sua vontade, porquanto se trata duma classe digna de todas as atenções. Está, porém, convencido de que a Camara fará a devida justiça.

O sr. Morais de Carvalho está convencido de que a Camara, depois de ter aumentado o subsidio dos parlamentares não poderá sancionar a deliberação do Senado relativamente aos magistrados.

* * *

Em nome da comissão de finanças, o sr. João Luís Ricardo explica as razões pelas quais essa comissão aceitou a emenda que acaba de levantar reparos. Diz que se manteve o criterio de equiparação de vencimentos entre juízes e generais.

* * *

O sr. Diniz da Fonseca acha que ambas as casas do Parlamento olharam com desfavor para a classe da magistratura.

Nesta altura as galerias já se encontram razoavelmente concorridas.

* * *

Ainda falam sobre o assunto os srs. Alberto Jordão e Correia Gomes, aprovando-se essa emenda do Senado e ainda outras da mesma procedencia. Ha outras que se rejeitam.

* * *

Aprovada a acta, entra em discussão o projecto complementar á proposta de subvenções, elaborado pela comissão de finanças e pela qual se melhoram os vencimentos da policia, pessoal de estabelecimentos de assistencia e beneficencia, funcionalismo administrativo, etc.

* * *

O assunto é tratado pelos srs. Ferreira da Rocha, dizendo que algumas das disposições desse diploma brigam com outras que acabam de ser votadas e propondo que esse projecto baixe á referida comissão; Correiá Gomes, por parte desta, para justificar o documento em exame; Carvalho da Silva estranhando a facilidade com que se discutem assuntos do maior interesse sem os competentes pareceres regimentais; Ferreira de Mira, que acha irregular a apresentação do aludido projecto com as dispensas requeridas.

* * *

Pouco depois do meio dia suspendeu-se a sessão, para continuar á tarde.

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE Ç. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO
ARTIGOS DE ESCRITORIO E DE FANTASIA

Tintas e material para desenhadores
Papeis continuos, tela, vegetal e Marion para desenho
Canetas com tinta—Caixas de papel de luxo

EXECUTAM-SE
trabalhos tipograficos e litograficos
Timbragem a relevo—Encadernações simples e de luxo

PREÇOS MODICOS

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —

GABARDINES, CHEVIOTES E ESTAMBRES

Vendem bons e mais baratos

Os Fabricantes

ROSA & IRMÃO

COVILHÃ

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso—Guarda de titulos—Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

FILIAIS: PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO—SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

MAQUINAS

Instalações completas para todas as industrias
Material de tracção, fixo e rolante para caminho de ferro de via estreita
Estudos e orçamentos gratis

PEDIDOS A CARLOS EMPIS

Rua de S. Julião, 23, 1.° — LISBOA

Telefone C. 5055 *Telegramas EMPIS — LISBOA*

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para **uso externo** provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e errupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acnó, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da **Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel. 65.**

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

Direcção do Sul e Sueste — Serviço dos Armazens Gerais

Concurso para a compra de 185 000 travessas de pinho em branco

ANUNCIO

Pelo presente se faz publico que no dia 5 de setembro pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua séde, rua de S. Mamede n.° 63, ao Caldas, Lisboa, se ha de proceder a concurso publico para a adjudicação da compra de 185.000 travessas de pinho em branco.

Para ser admitido á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até ás 15 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso o deposito provisorio de 2.127$50 por cada lote.

As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um selo de 30 centavos, devidamente inutilizado.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio com a quantia necessaria para perfazer 5 0|0 da importancia total da adjudicação, constituindo assim, para garantia do respectivo contrato, um deposito definitivo, que ficará á ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermedio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral de Depositos.

O reforço indicado deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o deposito provisorio.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes na Secretaria da Direcção, rua de S. Mamede n.° 63, ao Caldas, e na dos Armazens Gerais, (Estação de Lisboa Terreiro do Paço), onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

Lisboa, 3 de agosto de 1922.

O Engenheiro Chefe do Serviço de Armazens Gerais

Feio Terenas

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

Uma chavena de cacau da

S. I. C.

equivale, como alimento, a 5 chavenas de café!

Além d'isso o cacau beneficia a saude e o café prejudica-a

BELAS JOIAS

Colares de perolas, aguias, aneis, brincos, barrettes, etc., modelos exclusivos das nossas oficinas. Desconto aos revendedores. Saraiva, Costa & Santos, Limitada. Ourives Fabricantes. Rua das Portas de Santo Antão, 44.

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

Direcção do Sul e Sueste — Serviço dos Armazens Gerais

Concurso para a adjudicação da venda de um motor pequeno horisontal, usado

ANUNCIO

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 8 de Setembro, pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua séde, rua de S. Mamede, n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se ha de proceder a concurso publico para a adjudicação da venda de um motor pequeno horisontal, usado. A base de licitação é de 650$00.

Para ser admitido á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até ás 15 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso, o deposito provisorio de 16$50.

As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um selo de $30 centavos, devidamente inutizado.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio com a quantia necessaria para prefazer 5 0|0 da importancia total da adjudicação, constituindo assim, para garantia do respectivo contracto, um deposito definitivo, que ficará á ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermedio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral de Depositos.

O reforço indicado deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o deposito provisorio.

O referido motor encontra-se nos Armazens Gerais, em Barreiro, onde pode ser visto em todos os dias uteis das 8 ás 17.

Lisboa, 7 de Agosto de 1922.

O Engenheiro Chefe do Serviço de Armazens Gerais,

José de Moura Feio Terenas.

CARVÃO
VEGETAL-COKE
E
BRIQUETES

TELEFONE C. 4119
VENDAS NO DOMICILIO EM SACOS SELADOS
FRANCISCO LEITÃO & C.ª F.º
RUA DA COSTA 8, LISBOA

RAPOZAS

E toda a classe de peles, curte por processos modernos (qualquer quantidade). Tinge em todos os tons, côres inalteraveis. Limpa com a maxima perfeição. Confecciona e tranforma pelos ultimos modelos. Tinturaria de fazendas. Preparação de mamiferos, aves, cabeças e meias cabeças para tapetes. Trabalhos perfeitos e garantidos. Sociedade Industrial de Cortumes e Peles de Abafo, Ltd. Fabrica em Bemfica. Escritorio, 49, rua das Pretas, 2.° (Esquina da Avenida).

COMPANHIA PORTUGUESA DE PESCA

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Rua 24 de Julho, 2, 1.°, Dt.°

Dividendo de 5 0|0 por conta de 1922

A Direcção desta Companhia participa todos os Ex.mos Srs. Accionistas que se encontra a pagamento na sua séde o dividendo livre de imposto de 5 0|0 por conta de 1922 ou seja Esc. 4$00 por acção todas as segundas, quartas e sextas das 14 ás 15 1|2 horas a principiar na proxima quarta feira 6 de Setembro.

Os Ex.mos Srs. Accionistas residentes no Norte do País poderão receber os seus dividendos na casa bancaria Borges & Irmão no Porto.

SOCIEDADE ESTORIL

COLEGIO ESTORIL

Avenida Biarritz **Parque Estoril**

Curso de instrução primaria, secundaria e comercio. Francês e inglês pratico, pintura, musica, esgrima, natação, equitação e ginastica. Reabre em Outubro.

DFS

Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA

E' quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores

Telefone C. 5430
Telegrafo DIFONSO
DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da
Rua dos Fanqueiros, 122 — LISBOA

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE LONDRES

VAI DISCUTIR-SE

PARA A SEMANA

A NOTA FRANCESA

SOBRE

os debitos contraídos durante a guerra

LONDRES, 4

O gabinete deve reunir-se no fim de esta semana a fim de discutir a nota de Poincaré.

No sentido de diminuir os seus debitos, a França insiste nas despesas que teve, durante a guerra, com o exercito inglês, pretendendo, na nota dirigida ao gabinete, que esse dinheiro seja descontado na divida que tem para com a Inglaterra.

A imprensa, discutindo a nota francêsa, acha que estas controversias são lamentaveis, sobretudo por se darem num momento em que a Europa necessita urgentemente da amigavel e inteira cooperação dos dois paises.

Em todo o caso, os jornais são de opinião que estas pequenas questões não impedirão a França de estabelecer o total de que ela pode dispôr para pagar os seus debitos de guerra.—(L. A.)

A conferencia de Veneza

ROMA, 4

Parecem aplanadas as dificuldades que se opunham á realização da conferencia de Veneza.

No entanto o correspondente diplomatico do «Osservatore» diz que os aliados têm de consentir na continuação da guerra na Anatolia.—(A.)

A guerra no Oriente

ATHENAS, 4.

O ultimo comunicado anuncia que o exercito helenico tem continuado a recuar, mas sem sofrer pressão inimiga.

A evacuação de Eskicheir, ordenada ha alguns dias, está terminada.—(A.)

Quereis poupar o calçado?
Usae o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

EM ARMAZEM
Desnatadeiras e batedeiras
Correias de couro e de balata
Atilhos, rebites e ligadores
Lubrificadores e almotolias
Vidros de nivel e anilhas de borracha
Aparelhos diferenciais
Empanques, amiantos e desperdicios
Etc., etc., etc.
JOHN M. SUMNER & C.°
SUCESSOR
JOSÈ J. TEIXEIRA
29 — Avenida da Liberdade — 37
LISBOA

CONSEQUENCIAS DA GUERRA

O futuro dos povos

AMEAÇADO GRAVEMENTE

PREPARA-SE CRIMINOSAMENTE

o definhamento das gerações

Uma consequencia — porventura a mais tragica de todas — da ultima guerra: as crianças de agora estão condenadas a constituir, por deficiencia de alimentação, uma geração desgraçada de raquiticos, que fará das sociedades futuras outras tantas legiões de tuberculosos, só proprias para determinarem de maneira assustadora o definhamento irremediavel das raças.

De tanto que se lutou pela liberdade, de tanto que se combateu por um novo estado de vida e de direito para os povos oprimidos, chegou-se a esta conclusão pratica que arripia, porque nem sequer se antolha para ela um remedeio de eficacia. Os campos talados pelos exercitos transformaram-se em terreno arido que não voltará tão cedo á sua fertilidade antiga, e desapareceram as campinas em que se apascentavam os gados, e o leite, o rico e insubstituivel alimento dos pequeninos, passou a ser fabricado nos laboratorios dos quimicos, tornado elemento de ganancia para o egoismo dos comerciantes, feito veneno que as leis consentem para os pobresinhos que mal despontam na vida.

Na Alemanha a morte desbasta as criancinhas com sanha assustadora; é quasi uma hecatombe a mortalidade que se regista nas estatisticas. E sucede o mesmo na Austria, e na Russia, e na França, e em quantas regiões e em quantos países da Europa a guerra poude influir mais de perto, com a sua devastadora brutalidade.

Depois, na furia actual de tudo industrialisar, ao mesmo tempo que para as crianças se inventaram drogas que só no rotulo se parecem com o leite que pretendem substituir, deu em ser formentada com uma tenacidade absolutamente criminosa a industria repugnante e parvadamente nociva do alcool.

Quere dizer: emquanto se atenta contra a vida da infancia, envenenando-a com mixordias que são a morte propinada ás doses, atenta-se por igual contra a já decaída robustez dos homens de hoje, preparando, assim, no presente e no futuro, a decadencia das sociedades.

Quem se lembra por esse mundo em fóra de procurar para este problema instantissimo a solução que se impõe?

Ninguem, que o saibamos. Um outro medico brada de vez em vez o seu protesto contra o tremendo crime que se está praticando; mas o seu protesto ninguem o secunda, mas ninguem dá mostras de que a questão o interesse; e as criancinhas continuam morrendo aos milhares, todos os dias, sem que se lhes acuda; e os adultos vai a alcool queimando-lhes as ultimas energias, numa porfia de definhamento que não tardará a ser fatal para a humanidade inteira.

Até disto se esqueceram tambem os diplomatas, de tanto que os tem preocupado o futuro dos povos... sob o ponto de vista das guerras por vir.

Como se a constatação de semelhante estado de coisas não fôsse a garantia mais segura de que os povos jámais poderão voltar a ser o que eram e a envolver-se, portanto, em novas lutas que demandem resistencia fisica!

Collares Buyacas
REGISTADO
VINHOS DE TIPO INALTERAVEL
SUCURSAL EM LISBOA
RUA NOVA DA TRINDADE, 126 A 132
TELEFONE C. [illegible]
COLLARES - ALMOCAGEME
PORTUGAL

CAMBIOS E BOLSA
SAQUES SOBRE O ESTRANGEIRO
Compra e venda ás melhores taxas
EXECUÇÃO DE ORDENS DE BOLSA, TITULOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
Pancada, Morais & C.a
Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

DE PARIS

A INAUGURAÇÃO

DO MONUMENTO

A ALBERT SOREL

E UM

discurso patriotico do presidente Poincaré

PARIS, 4

Na cerimonia da inauguração do monumento a Albert Sorel, o presidente Poincaré discursando, lembrou a bela obra do grande historiador, consagrada ao problema das fronteiras nacionais, onde o mestre mostra a admiração pelo genio francês, o orgulho dos seus triunfos, a ternura pelas suas desilusões e a piedade pelos seus infortunios.

Recorda o sonho do dominio alemão, e diz que foram essas quimeras imperialistas que provocaram na humanidade a revolta das consciencias.

«A Alemanha acusa a França de imperialismo—continua o sr. Poincaré, — na hora em que provamos ao mundo a nossa paciencia e a nossa moderação.

«Nós queremos realizar o pensamento de Sorel e continuamos sempre prontos a defender os nossos direitos.» — (L. A.)

Os "soviets"

mandaram já executar 1.766:118 pessoas

LONDRES, 4

Segundo o «Times», o numero das execuções ordenadas pelos «soviets» ascende a 1.766:118.

Entre as vitimas contam-se: 6:775 professores, 8:800 medicos, 365:250 intelectuais, 1:243 padres e 54:650 camponios.—(L. A.)

UM SUBMARINO

manobrado por ondas hertzianas?

LONDRES, 4

Na proxima exposição radio-telegrafica, que se realisará nesta cidade, figurará um submarino completamente manobrado pelas ondas hertzianas.—(L. A.)

Mais economico
Venda a retalho
400 peças de excelentes fazendas de pura lã em exposição para fatos e vestidos nos depositos dos fabricantes Donas da Covilhã, para venda a retalho, desde 30 escudos cada córte de fato de 3 metros.
Vejam para crêr
LISBOA—R. dos Fanqueiros, 187, 2.°
PORTO—R. Fernandes Tomaz, 392-A

BAIRRO CAMÕES
DR. A. NARCISO
Medico
R. NOGUEIRA E SOUSA, 17-2.°
(á R. Luciano Cordeiro)

ESTORIL — TERMAS
Agua termal, hipersalina, cloretada sódica e magnésica, sulfatada e bicarbonatada calcica, litinica, etc.
RADIOACTIVA — MECANOTERAPIA — ELECTROTERAPIA — MAÇAGENS — LAMAS RADIOACTIVAS
Tratamento do reumatismo crónico, gôta, artrites, nevralgia sciatica; doenças das senhoras; linfatismo e suas manifestações e cutaneas; doenças de pele; do aparelho gastro-intestinal; das fossas nasais e da laringe; perturbações cardio-vasculares, etc.
O estabelecimento termal concede bonnus as viagens de ida e volta ao Estoril ás pessoas inscritas para tratamento.

6 HORAS DA TARDE ULTIMAS NOTICIAS 6 HORAS DA TARDE

A EXPOSIÇÃO DO RIO

O "Lourenço Marques" deixou hoje de tarde o Tejo

levando a bordo muitas pessoas em destaque no nosso meio

O *Lourenço Marques*, dos Transportes Maritimos, deixou hoje Lisboa, pelas 6 horas da tarde. O embarque no cais da Alfandega, onde o navio se encontrava atracado, começou ás duas horas.

O *Lourenço Marques* vai o que se chama *á cunha*. Recusou 200 passagens.

No cais, imensa gente. Muitas senhoras, veem despedir-se dos que partem.

A partida estava marcada para as 3 e meia, mas tal não foi possivel. Só de 3.ª classe havia 200 passageiros a embarcar.

* * *

Subimos. Começámos a encontrar caras conhecidas entre os que partem e os que ficam. Destes, os srs. ministro do Comercio e drs. José de Arruela e Camilo Castelo Branco.

No *Lourenço Marques*, vão muitos passageiros, sem ser por conta do Estado.

Agora entra o sr. Belford Ramos, ilustre embaixador do Brasil.

O comandante Horta, dos T. M. E. galhofa comnosco:

—Sim, depois vá lá para o jornal dizer mal disto...

* * *

Nomes que conseguimos colher de pessoas que partem para o Brasil: Almeida Moreira, director do Museu «Grão Vasco», de Vizeu; Lisboa de Lima, comissario geral da Exposição do Rio; dr. Bettencourt Rsdrigues, medico ilustre; Eduardo de Sousa, jornalista em evidencia nas lutas politicas; visconde de Pedralva, democratico conhecido; dr. Rodrigues Pereira, Carlos Pimentel, Mimoso Ruiz Adriano de Vasconcelos. E muitos, muitos mais.

* * *

Seguem tambem para o Rio dois artistas: Fernandes Tomás, um *virtuose* da fotografia artistica, e Armando Saraiva, baritono de grande futuro que já conseguiu marcar um logar na scena portuguesa.

O primeiro, a quem um grupo de amigos ofereceu hoje um afectuoso almoço de despedida, tenciona demorar-se um ano no Brasil, onde realisará uma exposição com os retratos de escritores e de artistas portugueses que expoz em Lisboa, e com uma série identica que fará no Rio.

Armando Saraiva realisará alguns concertos durante a exposição, regressando depois a Portugal.

As hortaliças

Informações da Arcada

Em consequencia do conflito suscitado entre os fazendeiros e os revendedores de hortaliça e a Camara Municipal, as colarejas da Praça da Figueira estão desaforadas na exploração do publico, apesar de ainda não pagarem as novas taras fiscais estabelecidas pela Camara.

Hoje vendiam tomate estragado a 1$20 o quilo (antes da greve custava 25 centavos), quando o compram a 10 centavos; repolhos a 2$00, despidos das folhas exteriores, que os porcos, os coelhos e as galinhas rejeitam, que impingiam em molhinhos, como se fossem grelos, a 60 centavos cada um, e feijão verde a 3$50 o peso.

As colarejas da Praça da Figueira estão pedindo que o sr. comissario geral dos abastecimentos lhes faça uma rusga e as meta por alguns dias num calabouço.

Calcula-se que ganham naquele honrado negocio entre 500 e 700 %.

Consta que os fazendeiros, como represalia contra a Camara Municipal, pretendem evitar a entrada do leite na cidade, o que prejudicaria a população enferma. Se realisarem o seu «humanitario» gesto, merecem rigorosa sanção.

Doenças das senhoras
Tratamento hidro-mineral
ETORIL-TERMS

A VIAGEM PRESIDENCIAL

NAS CANARIAS

O PRESIDENTE DA REPUBLICA teve uma carinhosa manifestação de despedida

O alto significado das homenagens que lhe foram prestadas na cidade espanhola de Las Palmas — O "Porto" segue com bom andamento

(Telegramas do nosso enviado especial)

Causaram a melhor impressão em Lisboa os telegramas que, no ultimo sabado, o nosso jornal foi o unico a publicar, da recepção afectuosissima que a cidade espanhola de Las Palmas dispensou ao sr. dr. Antonio José de Almeida.

Norberto de Araujo, o nosso querido camarada que viaja a bordo do *Porto*, valendo-se da telegrafia sem fios, conseguiu o milagre de fazer chegar á nossa redacção, ainda a tempo de serem publicadas, as interessantissimas informações que o *Diario de Noticias* transcreveu, no dia seguinte, dando-lhe toda a expansão da sua magnifica tiragem matutina.

E é tanto mais para apreciar o serviço telegrafico que o *Diario de Lisboa* tem fornecido aos seus leitores, da viagem presidencial, quando são conhecidas as dificuldades em que os enviados dos jornais se têm visto para fazerem chegar os seus telegramas a Lisboa com a brevidade que todos desejariamos.

* * *

O paiz não deve ficar indiferente ás manifestações de carinho que, em territorio espanhol, acolheram o Chefe de Estado portuguez.

Conforme se pode ver dos telegramas que hoje publicámos, essas manifestações tiveram um caracter de amisade cordialissima, que foi coroada pelo telegrama de saudação que o sr. Presidente da Republica enviou a S. M. o Rei de Espanha.

Depois da visita de Afonso XIII ao arquipelago das Canarias, é a segunda vez que um Chefe de Estado toca em Las Palmas, o que tornou ainda mais digna de registo a visita inesperada do sr. dr. Antonio José de Almeida.

Se outras provas não tivessemos da amisade espanhola, a recepção feita ao sr. Presidente da Republica bastaria para nos dar a conhecer os sentimentos de cordealidade e de simpatia que a Espanha tem a nosso respeito.

* * *

A passagem do sr. dr. Antonio José de Almeida, repetimos, não deve passar despercebida aos olhos do nosso país.

O *Diario de Lisboa*, que tem posto sempre as suas melhores esperanças na viagem do sr. Presidente da Republica ao Brasil, publicará em breve as impressões que seu enviado especial colheu em Las Palmas durante um dia e parte de uma noite de permanencia naquela cidade espanhola.

Além da reportagem exclusivamente jornalistica do que se passou com a visita do sr. dr. Antonio José de Almeida, Norberto de Araujo enviar-nos-ha pequenas cronicas literarias, com as suas impressões pessoais, que estão destinadas a alcançar um grande exito jornalistico.

São os *Pombos Correios*, que procurarão sempre trazer-nos de bordo do *Porto*, nas suas azas, uma nota interessante, uma indiscreção ligeira, um traço de irreverencia moça — a que algumas pessoas se empenham em chamar ironicamente *o tal jornalismo moderno*.

* * *

Seguem-se os telegramas recebidos hoje na nossa redacção, e que, apezar do atrazo com que nos chegam, não perderam ainda o interesse, plenamente justificado pela importancia da viagem presidencial:

LAS PALMAS, 2, á 1,15. — O comandante do departamento maritimo foi recebido a bordo do *Porto*, com todas as honras militares, ás 11 horas. Depois de apresentar cumprimentos, demorou-se algum tempo a conversar com o sr. Presidente da Republica.

Em seguida chegou o representante oficial do ministro dos Estrangeiros de Espanha, que cumprimentou, em nome do governo espanhol, o chefe do Estado Português.

Veiu tambem uma grande deputação do Real Club Nautico das Canarias, que convidou a comitiva presidencial para o grande baile de honra que se está realizando naquele club, á hora a que telegrafo.

A's 4 horas o sr. Presidente da Republica recebeu os cumprimentos das autoridades locais.

O sr. ministro dos Estrangeiros, apesar dos amaveis convites que lhe foram dirigidos, não desembarcou, alegando cansaço.

Todos os cumprimentos oficiais foram retribuidos pelo comandante Coreolano e pelo capitão Costa Dias, em uniforme de gala, distinguindo-se por uma grande nota de respeito e de cordealidade. O comandante Coreolano esteve a bordo da canhoneira espanhola «Infanta Isabel» e do «destroyer« «Guadiana», visitando em seguida o comandante do departamento maritimo e as restantes autoridades locais.

O jantar, de grande protocolo, que se realizou á noite a bordo do «Porto», oferecido pelo sr. Presidente da Republica ás autoridades e outras pessoas de representação, teve um caracter intimo, não se tendo trocado brindes. Houve uma nota de grande cordealidade, conversando-se amigavelmente dos dois paises vizinhos.

Assistiram, entre outras figuras do mundo oficial espanhol, o capitão-general, o delegado do governo e o comandante da marinha espanhola.

Os jornais *A Provincia* e *A Cronica* consagram extensos artigos á visita do sr. Presidente da Republica, referindo-se a Portugal e ao sr. dr. Antonio José de Almeida nos termos mais elogiosos.

O «Porto» recolheu o pavilhão presidencial, conservando içada a bandeira portuguesa.

Norberto de Araujo

***

LAS PALMAS, 2 — A's 9 30 — Pode dizer-se que toda a cidade saudou o chefe do Estado português, que foi cumprimentado a bordo entre muitas outras pessoas, pelas seguintes autoridades: delegado do governo espanhol, D. José Manresa; comandante Valverde; comandante de marinha, D. Bartolomeu Morales; presidente do *ayuntamiento*, D. José Mesa; comandante da canhoneira *Infanta Izabel*, Carranza; presidente do *Real Club Nautico*, director Vale, e alguns portugueses residentes em Las Palmas.

O baile que á noite se realizou no *Real Club* foi brilhantissimo, tendo assistido todo o mundo oficial e senhoras da primeira sociedade canariense. Ergueram-se brindes entusiasticos a Portugal, á Espanha, ao rei Afonso XIII e ao sr. dr. Antonio José de Almeida.

O sr. presidente da Republica ficou a bordo.

Norberto de Araujo.

* * *

LAS PALMAS (de bordo do *Porto*), 2, ás 9 e 50. — O *Porto* navega com um andamento de 13 milhas á hora. A' saída das Canarias, a colonia portuguesa fez ao sr. Presidente da Republica uma carinhosa manifestação de despedida, levantando vivas entusiasticos a Portugal.

As manifestações espanholas ao Chefe do Estado tiveram um alto significado.

Ámanhã realisa-se a bordo a festa patriotica para imposição da Cruz de Guerra e da Torre e Espada á bandeira do batalhão de marinha que em 1914 fez a guerra de Africa.

Usará da palavra o sr. ministro dos Estrangeiros, sendo provavel que discurse tambem o sr Presidente da Republica.

Toda a guarnição do navio formará no «spardeck», com a banda de musica e os oficiais da marinha de guerra e da marinha mercante.

A festa promete ser uma nota linda de emoção. O tempo tem estado magnifico.

Norberto de Araujo

A TARDE PARLAMENTAR

Termina esta semana o debate sobre as propostas?

Estão aprovados, até hoje, trinta e quatro dos seus artigos

Continuam em discussão as propostas de finanças, já aprovadas até o artigo trinta e quatro.

Tudo leva a crêr que o debate termine esta semana.

Sobre o artigo trinta e quatro o sr. ministro das Finanças apresenta algumas emendas. Pronuncia-se sobre elas favoravelmente o sr. dr. Julio de Abreu e ataca-as o sr. Morais de Carvalho.

Depois de ligeiras palavras do sr. Ferreira da Rocha, são admitidas propostas de emenda do sr. Carlos Pereira, voltando a usar da palavra o sr. Morais de Carvalho.

* * *

O Congresso, que deve resolver definitivamente ácerca da proposta que cria as subvenções ao funcionalismo, reunirá no proximo sabado. A reunião deve ser pouco demorada, visto que foram já removidos os principais atritos.

NO SENADO

Preside o sr. Gaspar de Lemos. secretariado pelos srs. Pessanha das Neves e Francisco de Paula.

O sr. Pereira Gil requere que entre imediatamente em discussão a lei relativa á anistia a conceder por crimes cometidos durante a ultima sedição, em Macau.

A Camara aprovou o diploma.

FARRAPOS HUMANOS

As mulheres no Manicomio Miguel Bombarda

(*Continuação da 4.ª pagina*)

sua aldeia, sentada ao caminho da fonte, falando com o seu conversado. Era todo o campo! Não ha flôres, ha mulheres que, apesar de tudo onde as levou o amor, seja o crime ou a loucura do crime, são ainda mulheres e—quem sabe?—se nos espaços que o espirito clareia de lucidez sentem palpitar o coração?!...

Que paginas de romance estarão ali! Quanto sonho desfeito, esfarrapadinho! Quanta saudade...

O Manicomio, longo e pesado, triste casarão amarelo, canta ao sol. As vozes uniram-se agora, a toada é igual, lenta e quieta, vivida de lagrimas, plangente dum abandono sem fim, triste duma causa, sem remedio, nem consolação. As vozes não são frias. Morrem como ondas, no dorso dos continentes; renascem como as azas, nos ceus da primavera. Lagrimas, lagrimas em fio... O canto, muito miudinho como as notas duma fonte, outubro já.

Quanta saudade! disse eu acima. Quanta saudade, quando á noite, no Manicomio, as franças das arvores açoitam desoladas as grades da prisão, e as doidas pensam e sonham alto, com suspiros onde se esgota a dôr dos seus corações.

Duelo Joaquim Leitão-Ruy Ulrich

O duelo realizou-se no campo do Concurso Hipico do Estoril, ás 11 horas e meia da manhã. O medico do sr. Ruy Ulrich—o sr. dr. Torres Pereira. O do sr. Joaquim Leitão—o sr. dr. Carlos de Melo.

Houve dois assaltos. As actas serão publicadas, nos jornais de ámanhã. A pendencia originou-se numa frase de cronica financeira do «Diario de Lisboa», a cargo do sr. Joaquim Leitão

Malas postais

Pelo «Cap Polonio» são ámanhã expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, e pelo «Lima» para a Madeira e Açores, sendo a ultima tiragem da caixa geral, respectivamente, ás 8 e 9 horas.